



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

“TRABALHE ENQUANTO ELES DORMEM”: um livro-reportagem
sobre a uberização em Aracaju
(Projeto Experimental)

Cáritas Cordeiro Damasceno Chaves

SÃO CRISTÓVÃO

OUTUBRO/2024

Cáritas Cordeiro Damasceno Chaves

“TRABALHE ENQUANTO ELES DORMEM”: um livro-reportagem
sobre a uberização em Aracaju
(Projeto Experimental)

Memorial Descritivo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Sergipe como um dos pré-requisitos para obtenção de nota parcial referente à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II do curso de Jornalismo.

Orientadora: Michele da Silva Tavares.

SÃO CRISTÓVÃO

OUTUBRO/2024

RESUMO

O presente memorial registra o processo de execução do livro-reportagem “Trabalhe Enquanto Eles Dormem”, que aborda o trabalho informal realizado através de aplicativos de carona e entrega de alimentos, tendo como recorte geográfico o município de Aracaju. Neste documento, são descritas desde as etapas de elaboração e pesquisa acerca da temática, seguida pelo processo de apuração em campo, até a execução propriamente dita, descrevendo o processo de escrita e concepção do projeto gráfico. A formulação da problemática relacionada ao trabalho por aplicativos tem sua raiz nas condições precárias de execução desses serviços, bem como nos conflitos éticos que envolvem a relação entre as grandes corporações de tecnologia e os trabalhadores de aplicativo, que se encontram excluídos da legislação trabalhista. Como descrito ao longo do memorial, o livro-reportagem opta pela abordagem tanto de questões objetivas, como as adequações jurídicas dessa modalidade de serviço, quanto de questões subjetivas, explanando as consequências psicossociais às quais esses indivíduos são submetidos.

Palavras-chave: trabalho; uberização; precarização; direitos trabalhistas; invisibilidade

ABSTRACT

This memorial records the process of executing the book-report “Work While They Sleep”, which addresses informal work carried out through ride-sharing and food delivery apps, with the municipality of Aracaju as a geographical area. In this document, the stages of preparation and research on the topic are described, followed by the process of investigation in the field, until the execution itself, describing the process of writing and designing the graphic project. The formulation of the problem related to work through applications has its roots in the precarious conditions in which these services are performed, as well as in the ethical conflicts that involve the relationship between large technology corporations and application workers, who are excluded from labor legislation. As described throughout the memorial, the book-report chooses to approach both objective issues, such as the legal adequacy of this type of service, and subjective issues, explaining the psychosocial consequences to which these individuals are subjected.

Palavras-chave: work; uberization; precariousness; labor rights; invisibility

Lista de figuras

Figura 1 — Protótipo de capa	24
Figura 2 — Capa Final	24
Figura 3 — Capa “A fé e o fuzil”, Bruno Paes Manso	25
Figura 4 — Capa “A república das Milícias”, Bruno Paes Manso	25
Figura 5 — Capa “Taxi Driver, Martin Scorsese”	26
Figura 6 — Capa “Pulp Fiction, Quentin Tarantino “	26
Figura 7 — Paleta cromática	27
Figura 8 — Fotografia no trânsito de Aracaju	28
Figura 9 — Fotografia em pontos improvisados	28

Sumário

1. Introdução	8
2. O fazer jornalístico ante a corrosão do direito do trabalho	10
2.1 Uma problemática para toda classe trabalhadora	10
2.2. Jornalismo como “arma de combate” em disputas de narrativas	13
3. Por uma abordagem jornalística imersiva	17
3.1 A imersão jornalística na produção do livro-reportagem	17
3.2 A prática antropológica no fazer jornalístico	18
4. Elaboração do Projeto Editorial e Projeto Gráfico	20
4.1 Processos de execução do produto experimental	20
4.2 Projeto Editorial	21
4.3 Projeto Gráfico	23
4.2.1 Capa	23
4.2.2 Inspirações visuais	24
4.2.3 Tipografia	26
4.2.5 Paleta cromática	27
4.2.6 Grid e layout de páginas	27
4.2.7 Diretrizes fotográficas	27
Referências Bibliográficas:	29

1. Introdução

A partir da década de 2010 a utilização de serviços de carona e entregas (popularizado como *delivery*), se tornou uma prática amplamente acessível à diversas camadas sociais, através da mediação por aplicativos digitais. Devido aos baixos custos da operação, a prática gerou um mercado pungente de serviços digitais, ou plataformizados, em escala global. Disponibilizado por grandes corporações de tecnologias, as Big Techs, essa modalidade de serviço digital também se popularizou como fonte de renda, extra ou principal, para uma massa de trabalhadores. A premissa dessa prestação de serviços é a suposta autonomia do prestador, que utiliza os próprios recursos para custear a operação, além de pagar a taxa de mediação à empresa-aplicativo por conectá-lo ao cliente.

No Brasil, devido a fatores como o índice de desemprego, mais de um milhão e meio de indivíduos recorrem ao trabalho por aplicativo como fonte de renda, mas as condições de trabalho são precárias devido à baixa remuneração, às jornadas de trabalho extenuantes e à falta de segurança trabalhista. Em Aracaju sequer há dados exatos que apontem a quantidade de trabalhadores nessa condição. No entanto, é visível a quantidade de pessoas exercendo essa atividade no perímetro urbano. Seja se locomovendo no trânsito, improvisando pontos de descanso e esperando em locais públicos, ou mesmo atendendo às nossas próprias solicitações de serviços, a presença desses trabalhadores no município é impossível de não ser notada. Ou ao menos deveria ser.

O trabalho por aplicativo envolve uma gama de conflitos éticos e socioeconômicos, que são constantemente invisibilizados, assim como os indivíduos que tiram suas rendas desse trabalho. A banalização de atividades laborais nocivas ao bem-estar dos indivíduos está associada a motivações diversas, como a indiferença para com trabalhos de baixa complexidade, associados à subalternidade; demanda por comodidade à baixos custos devido à rotinas exaustivas; circulação de narrativas que atribuem valor subjetivo ao alto desempenho profissional dos indivíduos.

Para refletir questões objetivas e subjetivas no âmbito do trabalho informal plataformizado, o livro “Trabalhe Enquanto Eles Dormem” surge como um esforço para que suas problemáticas sejam refletidas com profundidade no debate público. Para além das condições precárias do dia-a-dia desses trabalhadores, o livro propõe a análise de questões da natureza jurídica desta modalidade, bem como do contexto histórico e socioeconômico no

qual este serviço se popularizou no Brasil. Não menos importante, são abordadas as narrativas que associam o trabalho sem direitos à autonomia e liberdade individual, e que responsabiliza unicamente os sujeitos pela conquista de padrões dignos de vida. Por fim, são considerados os impactos desta conjuntura nos projetos de vida e na saúde física e mental dos sujeitos, além de abordar a tendência de adoção de modalidades similares em áreas tradicionais do mercado de trabalho.

“Trabalhe Enquanto Eles Dormem” é um produto experimental voltado à condição do indivíduo ante as novas estratégias de exploração do trabalho incrementadas pela automatização digital. Por “condição” compreendemos toda a complexidade humana e social que envolve as controvérsias da atribuição de valor ao trabalho e ao sujeito que trabalha, sobretudo no contexto brasileiro. Para tal abordagem, o livro-reportagem volta seu olhar para o custo humano desses serviços, relatando situações vivenciadas por trabalhadores e explorando as angústias infligidas a esses sujeitos pela precariedade do trabalho informal.

O livro traz o recorte geográfico do município de Aracaju, onde não há levantamento de dados ou organizações que representem os interesses dessa classe. Diante disso, uma abordagem subjetiva se fez necessária para deslocar esse trabalhador da invisibilidade ao qual foi relegado, com a intenção de provocar a reflexão dos consumidores de serviços digitais acerca da desumanização decorrente da precariedade desses trabalhos.

Com esse intuito, parte da apuração do livro-reportagem consistiu em um trabalho de campo com convivência direta com entregadores, em seus pontos improvisados nas avenidas da cidade capital sergipana, e com motoristas durante viagens rotineiras solicitadas em aplicativos e entrevistas concedidas. A ação, realizada espaçadamente ao longo de um ano, foi inspirada pelas práticas de campo da antropologia, abordadas mais adiante neste memorial.

No que tange a concepção inicial do projeto e a identificação da problemática, foi realizada uma ampla pesquisa acerca dos conceitos que envolvem o trabalho informal por aplicativos, que integra a modalidade da Economia de Bicos, ou *Gig Economy*, assim como os desdobramentos do direito do trabalho no Brasil desde a Consolidação da Leis do Trabalho (CLT), em 1943. A apuração que resultou no livro-reportagem contou com a consulta e a entrevista de especialistas de áreas variadas, com o intuito de abordar a temática pelas perspectivas da sociologia, do direito, da economia e da psicologia.

O presente memorial traz a descrição etapas de produção do produto experimental, partindo da elaboração da problemática que fundamenta a proposta do livro-reportagem, contextualizando os conceitos de uberização, analisando sua representação nas mídias e caracterizando o exercício do trabalho de aplicativo no território de Aracaju. Em seguida, são apresentadas as motivações da escolha pelo formato de livro-reportagem, assim como a argumentação pela opção da abordagem subjetiva e sua importância para defesa de um jornalismo humanizado.

Por conseguinte, é descrito o processo prático de apuração, bem como a metodologia utilizada na execução desta etapa. São comentadas as escolhas do processo que refletiu em uma produção textual que busca examinar angulações diversas da problemática, indo da perspectiva subjetiva do indivíduo sobre o trabalho que realiza, contextualizando a plataformização no cenário socioeconômico brasileiro e retornando ao indivíduo para refletir o seu local no mundo do trabalho contemporâneo. Por fim, o memorial dispõe do detalhamento da concepção do projeto gráfico e cada uma das suas escolhas.

2. O fazer jornalístico ante a corrosão do direito do trabalho

2.1 Uma problemática para toda classe trabalhadora

As relações de trabalho se tornaram objeto do meu interesse antes mesmo que eu atingisse idade suficiente para integrar tais relações. Esse interesse poderia ter como simples razão o fato de nascer na classe que precisa vender a própria força de trabalho para garantir o mínimo de dignidade. No entanto, foi sem dúvida a percepção de que a remuneração dos postos de trabalho mais degradantes ao físico e à mente costumam ser os de menor remuneração: sempre o mínimo para garantir a manutenção da condição de mão de obra. Sempre me ocorreu o interesse pelos indivíduos que compõem essa “massa” trabalhadora, erroneamente retratada pelas mídias tradicionais como uma massa homogênea. Em uma classe para a qual lazer, descanso e hábitos saudáveis são privilégios muitas vezes inacessíveis, me pus a questionar como cada uma dessas pessoas constroem o sentido das suas vidas.

Junto a isso, a consciência de que as mínimas condições de dignidade no trabalho haviam sido conquistadas através de décadas de lutas coletivas, me convenceu de que os direitos dos trabalhadores devem estar sob constante observação para que não sejam

vilipendiados. Sendo ainda a permanência em um curso de ensino superior um dos obstáculos para a classe trabalhadora, recorri ao exercício de trabalhos informais ao longo da maior parte da minha graduação. O que a experiência me proporcionou foi a dimensão clara de como a falta de proteção trabalhista aprofunda o abismo de condições indignas de trabalho e de vida. Má remuneração, assédio moral, jornadas de trabalho extenuantes, desvio de função como regra e condições de insalubridade, são algumas das mazelas vivenciadas por trabalhadores informais.

Deste modo, o surgimento da modalidade de trabalho informal por aplicativo despertou o meu interesse pelo fato da tendência de serviço atrelar condições precárias de trabalho à suposta autonomia do trabalhador. No Brasil, seguindo um movimento global, a introdução de plataformas digitais como mediadoras da relação entre clientes e prestadores de serviços sem vínculos empregatício coincidiu com o avanço de políticas de flexibilização de direitos trabalhistas e altas taxas de desemprego. O termo “uberização” foi popularizado no Brasil para designar as relações de trabalho informal surgidas na introdução de empresas-aplicativos no setor de serviços, as quais uma massa de trabalhadores desempregados recorre como alternativa de renda. Dentre as principais atividades realizadas por esses trabalhadores estão os serviços de transporte de pessoas e entrega de alimentos e mercadorias.

A alcunha “uberização” faz referência a empresa norte-americana Uber, pioneira na utilização de tecnologia da informação para contactar trabalhadores e clientes do serviço de transporte. Porém a atuação de outras empresas-aplicativo são abordadas pelo livro-reportagem, a exemplo das brasileiras Ifood e 99, e da colombiana Rappi. O termo “uberização” está diretamente associado à precarização do trabalho, Isso porque as plataformas digitais não criam vínculo com o prestador de serviços, o que lhes desobriga de garantir direitos e condições de trabalho, transferindo integralmente ao trabalhador a responsabilidade com riscos, custos de operação e manutenção dos postos de trabalho.

Como responsável por todas as etapas – exceto contactar o cliente – o prestador de serviços passa a trabalhar de acordo com a demanda, o que depende de jornadas de trabalho exaustivas e precárias para gerar uma rentabilidade mínima, visto que parte considerável dos ganhos gerados pela prestação de serviços é retido pela plataforma. De acordo com o levantamento feito pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), publicado em 2023, cerca de 1,7 milhão de brasileiros têm suas rendas advindas de trabalhos uberizados.

A recorrência do trabalho via aplicativos foi estimulado no Brasil pelo aumento do trabalho informal, fenômeno intensificado a partir de 2017, ano em que foi aprovada a Reforma Trabalhista instituída pelas Leis nº 13.429/2017 e nº 13.467/2017. A reforma, que representou a maior alteração da legislação trabalhista desde a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943, reduziu proteções, permitindo negociações individuais entre empregadores e funcionários.

Dentre as modificações que tiveram impacto sobre o trabalho informal, se destacou a ampliação do entendimento das características do trabalho autônomo, com as mudanças operadas no dispositivo 442-B da CLT. A partir desta alteração da Reforma Trabalhista, diversos postos de trabalho que antes seriam considerados empregos passaram a ser exercidos por trabalhadores informais devido ao afastamento da condição de empregado, independente de haver subordinação e prestação continuada de serviços.

Entretanto, essa modalidade de prestação de serviços via aplicativos não é uma inovação recente, foi popularizada internacionalmente no início da década de 2000 com o nome de "Gig Economy" ou "economia de bicos". Apesar da instabilidade oferecida em termos de seguridade salarial e previdenciária, esta tendência penetra em áreas e mercados diversificados, mediando também relações de trabalho de profissionais especializados.

No início, a Gig Economy ofertava aos trabalhadores formalizados a possibilidade de gerar renda extra em suas horas vagas com horários ultra flexíveis, e aos insatisfeitos com os regimes de trabalhos tradicionais, a possibilidade de aderir em tempo integral à proposta, tornando-se supostamente seus próprios patrões. Porém, a partir da segunda década do século XXI, esses trabalhos também passaram a servir de alternativa para a imensa massa de pessoas desempregadas em meio à crise estrutural do capitalismo, facilitando a diminuição das taxas de lucro destes trabalhadores, com o argumento raso de oferta e demanda. Muitos desses trabalhadores, por sua vez, permanecem aceitando fazer parte deste sistema por falta de alternativa frente à alta do desemprego (GRIGOROWITSCHS, 2021, p.36).

Para o sociólogo do trabalho, Ricardo Antunes, a Gig Economy é essencialmente "um processo no qual as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e invisibilizadas, assumindo, assim, a aparência de prestação de serviços" (2020b, p.11). O sociólogo ainda considera que essa característica da atual fase histórica do capitalismo encaminha-se para uma um obscurantismo distópico, oferecendo às pessoas o que elas

querem, neste caso uma suposta autonomia, mas segundo seus próprios termos, ou seja, a renúncia à proteção trabalhista.

A Economia de Bicos não abrange somente os serviços de entrega e carona, mas também se expande para diversas áreas profissionais do mercado de trabalho tradicional. Ao abordar as relações de trabalho proporcionadas por esse modelo, nos deparamos não apenas com uma nova modalidade de prestação de serviços incrementada por inovações da tecnologia digital, mas com um novo paradigma na exploração da força de trabalho.

Diante desta demanda, que tem impacto no mundo do trabalho como um todo, o livro-reportagem tenciona confrontar as narrativas hegemônicas que romantizam as relações de trabalho da Gig Economy, a exemplo da sua designação otimista como “futuro do trabalho”. Para tal, são representadas e refletidas as condições precárias dos trabalhos oferecidos pelo modelo de economia plataformizada aos trabalhadores que compõem a base da pirâmide social, bem como os furos discursivos na defesa da suposta autonomia desses trabalhos e suas consequências para a saúde e o bem-estar dos profissionais.

2.2. Jornalismo como “arma de combate” em disputas de narrativas

Para além da ausência de proteção legislativa, os processos que oportunizam o sucesso da nova modalidade de exploração também se constroem no campo discursivo. A lógica neoliberal amplamente difundida de que a garantia de uma renda digna depende unicamente do esforço individual, incentiva a busca por quantidades cada vez maiores de trabalho (GRIGOROWITSCHS, 2021).

Deste modo, trabalhadores que cumpririam jornadas regulares de trabalho com alguma segurança em relação ao salário e demais direitos, ao invés de usufruírem da suposta autonomia proporcionada pelos horários ultra flexíveis, passam a depender de jornadas de trabalho extenuantes tanto para obter uma renda razoável, quanto para garantir o “mérito” idealizado pelo discurso neoliberal. Tal processo é identificado pelo sociólogo do trabalho, Ricardo Antunes, como “uma intensificação e ampliação dos modos de extração do sobretrabalho” (2020a, p.96).

De fato, a digitalização do setor de serviços possibilita que o indivíduo tenha sempre mais trabalho ao seu alcance. No caso da Gig Economy, esses serviços consistem em uma “oferta constante de pequenos trabalhos, geralmente tarefas rápidas com baixa remuneração” (GRIGOROWITSCHS, 2021, p._).

Um exemplo que ilustra este fenômeno como estratégia de extração de sobretrabalho é o modus operandi da plataforma Uber. A plataforma se vale de práticas como: enviar ofertas de corridas aos motoristas antes que a viagem em curso termine; enviar mensagens com o objetivo de criar um espírito competitivo entre motoristas; além de enviar mensagens aos motoristas para os estimular a atingir uma determinada meta, a fim de incentivá-los a realizar cada vez mais viagens (GANDOLFE, 2021).

A afirmação da meritocracia como justificativa para a extinção de direitos e seguridades trabalhistas, aliada a naturalização de uma modalidade de geração de renda submetida à demanda de “bicos” mal remunerados, delata uma transformação muito mais ampla ocorrida na essência do comportamento social.

Para o filósofo Byung-Chul Han (2018), esta transformação é consequência da mudança ocorrida no inconsciente social pela transição da Sociedade de Vigilância, proposta por Michel Foucault (1975), para o que ele denomina como Sociedade de Desempenho. Superada a sociedade de vigilância e punição, que exigia sujeitos obedientes, o sujeito da sociedade de desempenho acredita ser submisso a si mesmo, porém, também não é livre. Para Han, o indivíduo da sociedade contemporânea lida com a coincidência de liberdade e coerção, exercendo a “livre coerção” de maximizar o seu desempenho até atingir a “autoexploração” (2018).

Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mão dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo explorado. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transformam em violência” (HAN, 2018, p. 18).

Por conseguinte, a presunção de liberdade e menos trabalho favorece um dos principais interesses corporativistas de empresas da Gig Economy: o aumento da quantidade de horas trabalhadas sem o estabelecimento de uma compensação salarial condizente. É também nesta suposta liberdade e independência que as empresas fundamentam seus argumentos para contornar a legislação trabalhista, alegando que os motoristas e entregadores não são funcionários, mas sim “parceiros”.

Perante esta constatação, cabe aqui uma breve abordagem sobre a representação do trabalho plataforma da na mídia hegemônica brasileira a partir da chegada da Uber ao país. A análise do discurso, realizada por Hess Takashima Grigorowitschs em sua tese “Gig Economy – A Uberização da Economia — Relações de poder, controle e precarização do trabalho” (2021) fornece um contexto valioso para justificar tal perspectiva.

Como descrito por Grigorowitschs (2021), desde a chegada da Uber no Brasil em 2014, a mídia frequentemente adotou uma perspectiva favorável, associando o serviço aos avanços da tecnologia e enfatizando seus benefícios. Isso pode ser observado nas manchetes que romantizam a empresa e sua chegada, retratando os taxistas que resistiram à mudança como pessoas meramente ultrapassadas. Contudo, essas narrativas iniciais não exploraram profundamente as implicações trabalhistas da Economia de Bicos. Na reportagem analisada pelo pesquisador, “Inovação vem antes de regras, diz empresa” (INOVAÇÃO..., 2015 apud GRIGOROWITSCHS), argumentos pró empresa são levantados sem nenhuma objetividade no jornal Folha de São Paulo.

Foi somente a partir de 2019 que reportagens críticas começaram a surgir questionando os efeitos da desregulamentação, destacando greves e protestos globais de motoristas e entregadores e incluindo entrevistas com especialistas em sociologia e economia que apontaram os malefícios da informalização do trabalho. Essa mudança no enfoque da mídia, como observado por Grigorowitschs, reflete a crescente conscientização sobre as questões trabalhistas envolvendo a Uber e empresas semelhantes.

Além disso, o ano de 2020 trouxe uma reviravolta significativa devido à pandemia de Covid-19. A cobertura passou a se concentrar nas implicações da pandemia na Gig Economy, com um aumento notável de greves e protestos de motoristas e entregadores. O "Breque dos apps" tornou-se um evento emblemático desse período, trazendo ao debate público a movimentação por direitos trabalhistas organizada entre essa nova classe de trabalhadores.

Perante as narrativas circuladas na mídia hegemônica envolvendo o trabalho por aplicativos, o livro-reportagem em questão buscou apresentar um contraponto, através da escolha de uma abordagem subjetiva das vivências apuradas em campo. Tal escolha é feita a partir da compreensão do fazer jornalístico não apenas como o relato de acontecimentos, mas também como um agente ativo na construção da realidade social, que define o que será tratado com relevância, atuando sob um processo institucionalizado de práticas socialmente legitimadas e elaborando um “cotidiano que nos interessa”, dizendo, ao mesmo tempo, que cotidiano é esse. (ALSINA, apud TAVARES, 2012, p.14).

Sob esta perspectiva, o livro-reportagem defende o enquadramento do indivíduo que exerce o trabalho mediado por aplicativos como foco de relevância. Esta é a principal decisão que caracteriza a subjetividade jornalística do projeto realizado. Conforme Fabiana Moraes

(2019), uma das atribuições do jornalismo de subjetividade é descentralizar valores-notícia que reproduzem desigualdades sociais ao hierarquizar a relevância de informações a partir critérios noticiosos excludentes no que diz respeito a recortes de classe, gênero e raça.

Fundamentado em bases positivistas, que buscam neutralidade e objetividade para a prática do bom jornalismo, as correntes tradicionais rejeitam subjetividade como uma ferramenta importante para produzir reportagens mais integrais e responsáveis. O jornalismo de subjetividade evita, por exemplo, a recorrência de enquadramentos estereotipados e enviados, recorrentes no jornalismo tradicional que, ainda que não intencionalmente, promove a manutenção de diversas violências (MORAES, 2019, p 214.)

Isto posto, a orientação do livro-reportagem a partir da subjetividade não significa reduzir a investigação do tema à emoção, mas sim tratar cada observação e relato apurado com a sensibilidade necessária para compreender as diversas camadas de contexto que permeiam uma conjuntura de relações sociais. Como afirma Fabiana Moraes, “a subjetividade não pode ser entendida como algo meramente interno, pessoal, do campo da vida privada, subjetividade é também formada por um ambiente histórico dado, objetivo”, (2019, p. 209).

Do mesmo modo, a dimensão ativista da subjetividade adotada no livro não pode ser confundida com conflitos de interesse, considerando que a idéia de jornalismo “isento” consiste em uma falácia que perpetua os interesses hegemônicos. Desde o surgimento do jornalismo de massas, a sua prática é permeada por interesses econômicos, configurando um cenário no qual o apelo à ideia de isenção não passa de uma contradição. A transparência em relação ao propósito de confrontar as relações de poder do trabalho em aplicativos sob a perspectiva do trabalhador lesado é o que garante que a integridade do material jornalístico não seja comprometida. Sobre esta prática Fabia Moraes afirma que:

Uma prática ativista não significa abrir mão de ferramentas e procedimentos vitais, mas sim empregá-los em abordagens que, bem realizadas, respeitam e potencializam aquilo que o jornalismo tem de mais poderoso: iluminar o que está sob as sombras. É vital compreender que o caminho da objetividade no jornalismo, para além dos procedimentos técnicos, deve ser guiado também pela percepção da sub-representação que atinge diversos grupos sociais, uma sub-representação, causada também pelo jornalismo, (MORAES, 2019, p. 216).

O projeto “Trabalhe enquanto eles dormem” atende a um profundo incômodo social. Não um incômodo curioso, trivializado por uma visão jornalística descolada da realidade cotidiana da classe trabalhadora. Mas um incômodo intrínseco a um jornalismo que se reconhece como parte indissociável desta classe e que é, portanto, comprometido com suas questões, reivindicações e histórias.

3. Por uma abordagem jornalística imersiva

“Trabalhe Enquanto Eles Dormem”, foi concebido inicialmente como uma Grande Reportagem Multimídia. No entanto, o propósito de utilizar a prática jornalística como forma de problematizar o local do indivíduo em meio às novas tendências de um mundo do trabalho que vem gradativamente se complexificando, exigiu do projeto experimental o compromisso de abordar a temática de forma ainda mais expandida e aprofundada. Para tal, o projeto foi adequado para o formato de livro-reportagem, o qual, segundo Edvaldo Pereira Lima (1998), se trata de um veículo jornalístico que amplia o trabalho cotidiano da imprensa para aprofundar campos ignorados ou abordados superficialmente pelos formatos jornalísticos periódicos (PEREIRA LIMA, 1998, p. 7). A adequação impôs uma pesquisa prévia ampliada e um trabalho de campo mais extenso e imersivo, aproximado da prática etnográfica, ferramenta valiosa para a observação cuidadosa do fenômeno tratado.

3.1 A imersão jornalística na produção do livro-reportagem

O livro-reportagem enquanto formato de publicação jornalística remonta a abordagem do movimento “new journalism”, surgido entre as décadas de 1960 e 1970, sob a influência de movimentos de contracultura que despontavam nos Estados Unidos em meio aos eventos históricos da Guerra Fria e em oposição às narrativas do “American Way of Life”. O movimento, que incorporou influências literárias ao processo jornalístico, intencionando a renovação das formas de fazer jornalismo com a proposta do livro-reportagem. O novo formato foi criado para dialogar com áreas do conhecimento além do jornalismo e da literatura, integrando a história, a antropologia e outras áreas, com o intuito de fornecer ao público o aprofundamento de temáticas abordadas superficialmente pelos formatos tradicionais (PEREIRA LIMA, 1998, p. 7).

Esses formatos tradicionais, segundo Edvaldo Pereira Lima (1998), simplificam e padronizam o modo como as informações são transmitidas ao consumidor, sob um modelo de

jornalismo industrializado, que opta pela quantidade de informações em detrimento da qualidade das mesmas. Deste modo, o livro-reportagem surge para informar de maneira mais profunda e ampla do que o jornalismo convencional, ao contextualizar as temáticas em seu tempo histórico e contexto socioeconômico, buscando revelar uma realidade sistêmica onde fatos e estruturas sociais se interligam e convergem.

Quanto às categorias de livro-reportagem identificadas por Edvaldo Pereira Lima, o produto “Trabalhe Enquanto Eles Dormem” busca conciliar a abordagem do livro-reportagem-história, que conecta o passado ao presente, tratando dos impactos da Reforma Trabalhista de 2017 no mercado de trabalho informal, com a abordagem do livro-reportagem-denúncia, apontando injustiças e abusos no mundo do trabalho digital.

Na produção deste livro-reportagem, assim como ao longo da graduação, as produções jornalísticas-literárias foram grandes influências na escolha do formato. Dentre as principais referências da construção literária do jornalismo, se destacaram na minha as obras do jornalista Bruno Paes Manso, em especial o livro “A República das Milícias” (2020); a trajetória do jornalista Caco Barcellos, sobretudo em seu livro “Rota 66” (1992), que me marcou com seu fôlego investigativo e sua astúcia narrativa; os trabalhos da jornalista Eliane Brum, dentre os quais “O Olho da Rua” (2008) e “A Vida Ninguém Vê” (2006), me serviram um como farol de como olhar, ouvir e abordar questões humanas, sem contaminar meu interesse com a hierarquizações de valores-notícia do jornalismo convencional.

3.2 A prática antropológica no fazer jornalístico

Abordar questões humanas exige o cuidado de aprender a observar as relações humanas, ponto no qual a antropologia foi fundamental para a realização da apuração. O trabalho de campo envolvido no processo de execução do livro-reportagem demandou o estudo da aproximação do jornalismo com as práticas de pesquisa aplicadas pela área da antropologia, dentre elas a observação imersiva e interpretativa da etnografia. Entre dezembro de 2023 e agosto de 2014, período no qual foi realizada a apuração do livro-reportagem, foi executado o trabalho de campo aos moldes etnográficos. A cada quarta-feira (dia disponível para apuração) entre dezembro e fevereiro, o trabalho de campo foi realizado nos pontos em que entregadores de aplicativos aguardam demandas de trabalho. De forma mais espaçada, sem dias fixos, o trabalho de campo com motoristas de aplicativo

foi realizado durante a utilização do serviço, semanalmente, ao longo dos meses de apuração. Em ambos os casos, foi praticada a observação e o diálogo com esses trabalhadores.

Nos moldes da etnografia, o trabalho de campo implica em ir aos locais, ouvir as pessoas e, principalmente, observar para compreender e interpretar aquilo que se testemunha; o que é chamado no campo antropológico de “observação participante”. A observação participante surge como metodologia de pesquisa de campo de etnógrafos e antropólogos, se consolidando como procedimento eficiente para alcançar informações mais detalhadas sobre os fenômenos sociais (ROVIDA, 2015, p. 79). De acordo com Antônio Joaquim Severino (2008), em seu manual de metodologia científica, na pesquisa participante, “o pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados”. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos” (SEVERINO, apud, ROVIDA, p.79).

Em 1998, o pesquisador Raul Hernando Osorio Vargas destacou em sua dissertação de mestrado as semelhanças entre o trabalho de campo realizado por antropólogos e por jornalistas (ROVIDA, 2015, p. 79). Ao analisar a produção de reportagens literárias, Vargas afirmou que a coleta de informações no jornalismo exige ir a campo, observar a realidade e dialogar com as pessoas envolvidas nas histórias, um processo que guarda fortes semelhanças com as pesquisas etnográficas e antropológicas.

A pesquisa etnográfica é seguida pela descrição e análise dos fenômenos observados, o que Clifford Geertz (2008) sugere que seja uma descrição densa para desenvolver uma postura de análise antropológica que se sustente numa lógica interpretativa das cenas observadas pelo cientista social, o que, segundo o autor, é um movimento possível de entender a partir da perspectiva do jornalismo, que já lida com processos de observação, descrição e interpretação condensados em narrativas. Segundo o autor:

Não se trata de fazer um relato frio e descritivo de situações observadas em campo, mas de interpretar os significados dos gestos e comportamentos, elevando-os à condição de categoria cultural (Geertz, 2008, p. 5).

Na construção do livro-reportagem se buscou a prática etnográfica no diálogo de cada entrevista para que se pudesse alcançar dimensões sensíveis das condições de trabalho por aplicativo. No entendimento de Cremilda Medina (1996) o domínio de técnicas jornalísticas que constroem narrativas verdadeiramente dialógicas, ou seja, capazes de colocar em relação

os vários atores envolvidos no processo, implica em aprofundar o conhecimento sobre a própria produção jornalística.

Para a autora, contato com as fontes, por exemplo, baseado numa entrevista-diálogo, é importante para que o mediador possa construir sua narrativa. Se na pesquisa e na checagem de informações, a postura do comunicador for de abertura aos afetos, num sentido de disposição para o diferente, esse processo será facilitado. Um mediador competente será capaz de atuar ética, estética e tecnicamente (MEDINA, 1996, p. 20). Essa competência, no entendimento da autora, se estabelece, em grande medida, na capacidade de o jornalista fazer uma leitura do mundo.

Além do diálogo, a construção da narrativa presente no livro-reportagem não seria possível sem a experimentação do ambiente descrito ou sem a observação empírica das condições físicas e emocionais em que os trabalhadores de aplicativos exercem suas atividades laborais. A aproximação entre a etnografia, nos moldes da descrição densa proposta por Geertz, e o jornalismo dialógico, conforme perspectiva de Medina, é a necessidade da imersão na realidade, nos espaços onde as situações sociais acontecem.

O repórter e o antropólogo precisam observar, sentir o cheiro, tocar e, de certa forma, se colocar em relação, em contato com os contextos e personagens sobre os quais tratam. Seja o pesquisador que passará semanas ou meses acompanhando uma comunidade alternativa (ou mesmo uma dinâmica urbana), seja o repórter que tem apenas poucos dias para investigar uma questão, o trabalho dos dois depende, antes de tudo, de um único procedimento, a observação empírica. (ROVIDA, 2015, p. 87).

A prática etnográfica da antropologia unida ao fazer dialógico do jornalismo possibilitou a construção de uma estrutura textual densa, que busca equilibrar a abordagem de questões estruturais do mercado de trabalho informal e seu contexto socioeconômico, e questões sensíveis do universo dos indivíduos precarizados.

4. Elaboração do Projeto Editorial e Projeto Gráfico

4.1 Processos de execução do produto experimental

A construção do livro-reportagem contou com cinco etapas principais abordadas a seguir. Como ponto de partida da reportagem, foi realizado um amplo processo de pesquisa e

reunião de referências sobre a temática. Por se tratar de um tema complexo que envolve tecnologia da informação, trabalho informal, legislação, discursos e saúde mental, a pesquisa se estendeu por diversas áreas do conhecimento, como história, sociologia, filosofia, comunicação, direito e psicologia. Esta etapa, compreendida como uma pré-apuração, teve início em setembro de 2023 e foi realizada paralelamente à prospecção de fontes.

Devido à complexidade do tema, a etapa de pesquisa só foi de fato finalizada junto ao fechamento do livro-reportagem, afinal, se trata de eventos que ainda estão se desenrolando. Por exemplo, a tramitação do projeto de regulamentação da atividade, o PLP 12.2024, ainda não havia sido votado no Congresso Nacional até a finalização do produto. A pesquisa de produtos jornalísticos sobre a uberização foi imprescindível para reunir referências e acompanhar desdobramentos da atividade.

A partir de dezembro de 2023, a apuração propriamente dita começou a ser realizada através da entrevista de especialistas e pesquisadores das áreas supracitadas. Começar pela entrevista dos especialistas, proporcionou um olhar mais atento à atividade em campo.

Devido ao fato da minha rotina ser parcialmente ocupada por um trabalho integral que, eventualmente, inclui fins de semana e feriados, a atividade de campo sofreu com a fragmentação. A quarta-feira era o único dia disponível durante os primeiros meses de apuração. O fato da jornada de trabalho dos entrevistados em campo serem extenuantes, e os seus dias de folga raros, fragmentou ainda mais o processo. Com o obstáculo do tempo hábil para entrevista tanto da minha parte, quanto da parte dos entrevistados, foi necessário utilizar um critério de disponibilidade e compatibilidade de agendas para decidir quais entrevistados seriam parte efetiva do livro-reportagem.

4.2 Projeto Editorial

O livro-reportagem “Trabalhe Enquanto Eles Dormem” tenciona confrontar as narrativas hegemônicas que romantizam as relações de trabalho da Economia de Bicos a exemplo da sua designação otimista como “futuro do trabalho”. A escolha do nome do produto busca refletir esta intenção ao utilizar ironicamente uma expressão que se popularizou nas mídias digitais através de discursos motivacionais que responsabilizam os indivíduos por suas condições econômicas ignorando fatores históricos e sociais.

A máxima “trabalhe enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, persista enquanto eles descansam e então viva o que eles sonharam”, representa o escárnio das narrativas meritocráticas perante a degradação do indivíduo que exerce trabalhos precários. Assim, o uso da frase tem o intuito de ridicularizar esse discurso, visto que o conteúdo do livro-reportagem expõe como essas narrativas servem a brutal exploração do trabalho que se observa na informalidade disfarçada de autonomia.

Para a construção da narrativa o livro tem início com uma introdução que esclarece os conceitos surgidos para tipificar o trabalho por aplicativos, além de explicar seu contexto de surgimento, sua delimitação em Aracaju e os principais dilemas éticos envolvidos nesta problemática. Nos três capítulos que seguem após a introdução as características da modalidade são apresentadas através de situações vivenciadas por entrevistados que trabalham com aplicativos, em seguida, são introduzidos os pontos de vista especializados costurados com através da argumentação do livro-reportagem.

O primeiro capítulo, é intitulado “Nada Como Um dia Após o Outro Dia”, uma referência ao álbum homônimo do grupo Racionais MC's, que aborda em uma longa narrativa o cotidiano da população de baixa renda e periférica e o seu estado constante de vulnerabilidade e resignação. Neste capítulo é descrito uma situação passada no carro de Vagno Antônio, motorista de aplicativo pela Uber, além de introduzir as principais características do trabalho plataformizado e as problematizações do especialista entrevistado, o sociólogo Ivan Fontes Barbosa.

O segundo capítulo recebe o título “O match perfeito entre desemprego e precarização” e aborda o impacto da Reforma Trabalhista de 2017 sobre a informalidade no mercado de trabalho. O título faz alusão ao slogan do aplicativo Ifood “O match perfeito entre você e sua melhor versão”, sendo “match” a expressão utilizada para indicar a compatibilidade de interesses entre usuários de aplicativos de relacionamento. Neste capítulo é descrito a situação de violência relatada pelo entregador Felipe Custódio. As questões legislativas abordadas no capítulo são comentadas pelo procurador do Ministério Público do Trabalho de Sergipe, Ricardo Carneiro.

O título do terceiro capítulo, “Não pense em Burnout, trabalhe!”, é uma alusão à declaração de Michel Temer enquanto presidente do Brasil em 2017. A declaração original “Não pense em crise, trabalhe!”, foi alterada para dar lugar ao nome da Síndrome do Esgotamento Profissional, um quadro de estresse crônico relacionado ao trabalho excessivo.

A relação entre os discursos de autonomia neoliberal e a ocorrência da síndrome é o principal enfoque do capítulo, que traz relatos do motorista pelo aplicativo 99, Wesley Lima, e do pesquisador das relações de trabalho e sofrimento psíquico, Igor Macedo.

O apêndice do livro-reportagem estrutura sistematicamente as angulações trabalhadas ao longo do livro e amarra a sua argumentação, refletindo as perspectivas sociológicas para o futuro do mercado de trabalho perante a integração da tecnologia digital.

4.3 Projeto Gráfico

O projeto gráfico foi elaborado para a execução de um livro digital, que permite uma leitura fluida e uma visualização harmônica em telas de diferentes aparelhos, seja em tablet, kindle, computadores, ou mesmo smartphones. O livro foi definido como um arquivo interativo para a utilização de links internos que facilitam a mudança de capítulos e o acesso à notas do glossário.

As soluções gráficas buscaram agregar o discurso do livro a partir de narrativas visuais. Não houve colaboradores para o desenvolvimento do design, diagramação ou fotografias.

4.2.1 Capa

A capa do livro-reportagem foi pensada para trabalhar fotografia, cores e tipografia desde a concepção do projeto. Em sua versão final, a capa traz a fotografia de Vagno Antônio, primeiro entrevistado para o livro. Foram desenvolvidos protótipos conforme a figuras 1 para combinar da melhor forma a fotografia e a tipografia. Prevaleceu a utilização da foto tomando os primeiros três terços da capa, seguida por cores sólidas que remetem a aplicativos como Ifood (vermelho) e 99 (amarelo), conforme a figura 2.

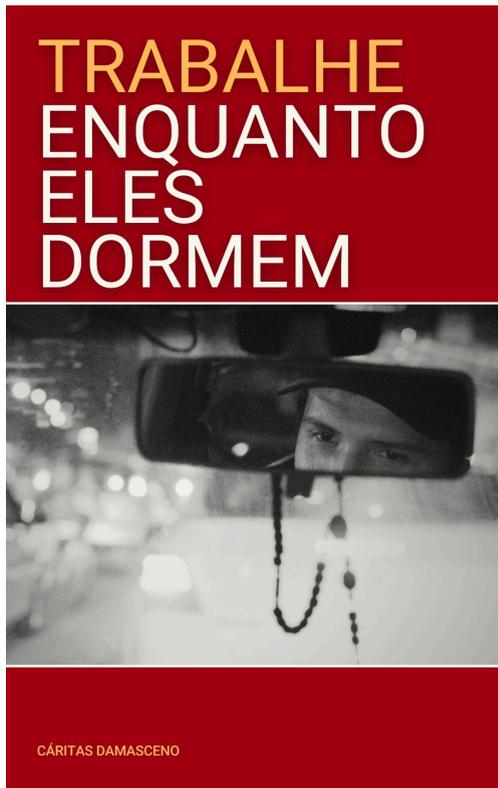


Figura 1. Protótipo de capa

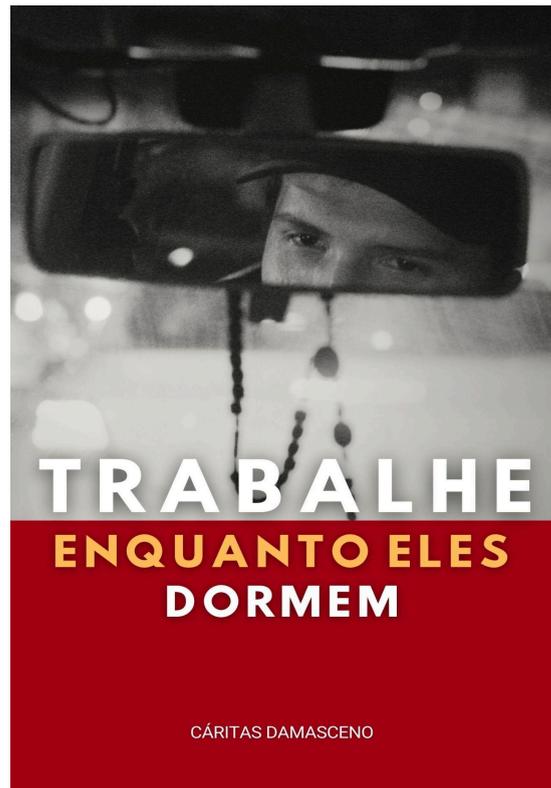


Figura 2. Capa Final

4.2.2 Inspirações visuais

A ideia de trabalhar cores sólidas marcantes e tipografia parte da referência de capas de livros do jornalista Bruno Paes Manso (Figura 3 e 4.). Já a escolha do grid de página que utiliza regra dos terços, traz influências de capas clássicas do cinema, a exemplo dos filmes Taxi Driver (figura 5), do diretor Martin Scorsese, e Pulp Fiction (figura 6), do diretor Quentin Tarantino, ambos trazendo símbolos que remetem a uma atmosfera urbana, noturna e insegura.

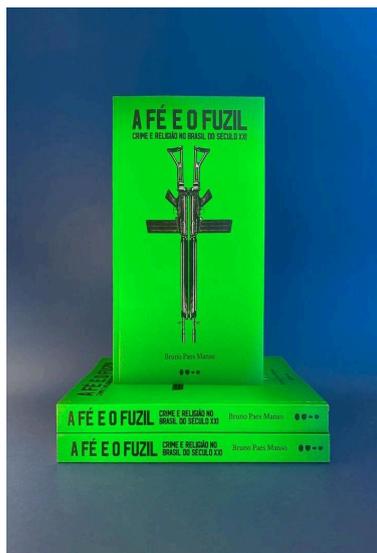


Figura 3. A fé e o fuzil, Bruno Paes Manso

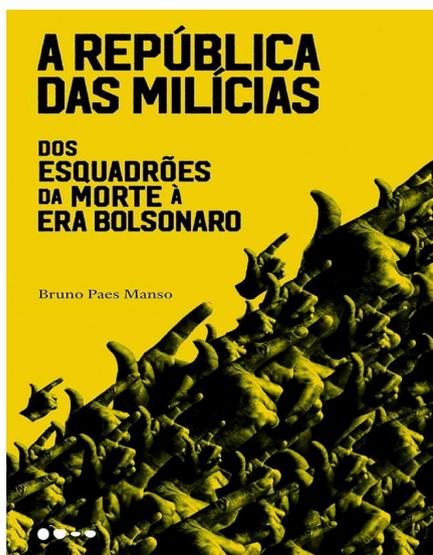


Figura 4. A república das Milícias, Bruno Paes Manso



figura 5. Taxi Driver, Martin Scorsese

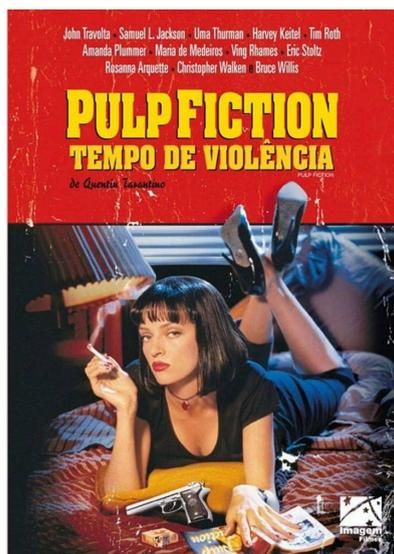


Figura 6. Pulp Fiction, Quentin Tarantino

4.2.3 Tipografia

Por se tratar de um livro digital foram utilizadas somente tipografias sem serifa para facilitar a leitura em telas menores. A capa utiliza a tipografia da família Hussar e subfamília Bold. As páginas internas utilizam as tipografias Montserrat para no corpo do texto e nas citações, e League Gothic nos títulos.

4.2.5 Paleta cromática

Partindo do conceito de psicologia das cores, a paleta cromática foi utilizado o vermelho, como alusão à intensidade e perigo, a amarelo pálido como alusão à doença e ansiedade, considerando que o nome estampado na capa faz referência à um discurso atrativo, porém nocivo ao bem-estar do trabalhador. Em conjunto na capa, as cores foram utilizadas para despertar o sentimento de urgência acerca da temática. Nas páginas internas foi aplicado o tom cinza-claro para amenizar o desconforto ocular causado pelo uso de telas.



Figura 7. Paleta cromática

4.2.6 Grid e layout de páginas

O layout A4 foi definido para uma visualização adaptável a diferentes tipos de tela, ocupando a maior parte do grid das páginas internas com texto, possibilitando o uso de uma fonte grande e legível, de fácil adaptação para telas menores.

4.2.7 Diretrizes fotográficas

A fotografia do produto foi pensada para ocupar layouts A4 e A5. O objetivo de utilizar fotografias é criar narrativas visuais que exemplificam a precariedade do serviço

plataformizado. A partir destas diretrizes foram utilizadas foto tiradas em movimento, demonstrando os perigos do trânsito e fotos de pontos de espera improvisados na rua pelos trabalhadores de aplicativos.



Figura 8. Fotografia no trânsito de Aracaju



Figura 9. Fotografia em pontos improvisados

Referências Bibliográficas:

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. 2018.**

ANTUNES, Ricardo. **Capítulo II. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. 2000.**

Compilação "La Ciudadania Negada. Políticas de Exclusión en la Educación y el Trabajo.

GANDOLFE, Lucas. **A Gig Economy e o Direito do Trabalho Quando a sociedade muda, o Direito também deve mudar. JusBrasil. 2021**

GRIGOROWITSCHS, Hess Takashima. **Gig Economy – A Uberização da Economia Relações de poder, controle e precarização do trabalho. PUC-SP, Mestrado em Comunicação e Semiótica. São Paulo, 2021**

HAN, Byung-Chul; **Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.**

HAN, Byung-Chul; **Sociedade do Cansaço. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.**

IPEA. **Carta de Conjuntura: Pannel da Gig Economy no setor de transportes do Brasil: quem, onde, quantos e quanto ganham. NÚMERO 55 — Nota de Conjuntura 14 — 2 ° Trimestre de 2022.**

IPEA. **Carta de Conjuntura: A Gig economy no Brasil: uma abordagem inicial para o setor de transporte. NÚMERO 53 — Nota de Conjuntura 5 — 4 ° Trimestre de 2021**

LAGO, Cláudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. 2007. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ª ed.**

Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008

LONGHI, Raquel Ritter; **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo. 6º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo. Campo Grande, 2015**

MEDINA, Cremilda. **Povo & personagem. Canoas: Ulbra, 1996.**

MORAES, Fabiana **Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. Extraprensa. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, jan./jun. 2019**

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **O que é livro-reportagem. In: Coleção Primeiros Passos; 286. São Paulo: Brasiliense, 1998.**

PEREIRA LIMA, **Edvaldo. Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

ROVIDA, **Maria Ferreira, Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica.** Líbero – São Paulo – v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun. de 2015

VARGAS, **Raul Hernando Osório. A reportagem literária no limiar do século 21: o ato de reportar, os jovens narradores e o projeto.** São Paulo de Perfil. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGCOM da ECA-USP, São Paulo, 1998.

